

**CORPOS EM MOVIMENTO:
POLÍTICAS, EXPERIÊNCIAS E MÉTODOS POSSÍVEIS**

Alexsandro Rodrigues¹
Ileana Wenez²

Métodos, metodologias, intenções, movimentos, experiências e reverberações de pesquisa, com corpos, gêneros e sexualidades em dissidências, comparecem para as ciências humanas e para os sujeitos em pesquisa como desafio para quem se coloca em risco com os problemas que se fazem ao provocar e desconfiar das racionalidades dominantes que durante grande parte da modernidade fixou e qualificou paradigmas e modos de saber. Nesse Dossiê, existências e modos de vida, afirmam a pesquisa como exercício político, no risco e na coragem com práticas e experiências que deslocam perguntas, afetos e afecções, objetivando melhor compreender o que temos feito de nós e o que de nós os discursos de verdades inventaram e narraram. Este desafio se faz acompanhado por questões problemas transgressores que marcam e afirmam apostas éticas e políticas de pesquisadores/as a favor de mundos possíveis, plurais, múltiplos e afeito a diferença.

Diante deste desafio, nesse Dossiê, deslocando paixões e tretas com questões epistemológicas/metodológicas com o(s) corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s) os/as autores/as, fazem acontecer conversas interessadas produzidas em (des)caminhos com a singularidade e os modos de compreensão sobre pesquisa e a fragilidade do/da pesquisador/a. Nesse Dossiê, por ser este seu objetivo, uma gama de possibilidades teóricas e metodológicas são apresentadas, mostrando-nos a efervescência criativa que se abre com a pesquisa interessada e implicada com os corpo(s), gênero(s) e sexualidade(s).

¹ Pedagogo. Mestre e Doutor em Educação - Pós-doutor em Psicologia. Professor do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades e do Grupo de Estudos em gênero e sexualidades – GEPSs/UFES.

² Licenciada em Educação Física pela Facultad de Educación y Salud (FES/IPEF) Argentina. Especialista em Pedagogia do Corpo e da Saúde pela EsEF/UFRGS. Mestre e Doutora em Ciências do Movimento Humano pela EsEF/UFRGS. Pós-doutora no Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas da UFSC. Professora Adjunta do Departamento Ginástica do Centro de Educação Física e Deportes da Universidade Federal de Espírito Santo (UFES). Professora da Pós-graduação em Psicologia Institucional (UFES). Participante do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) da UFES e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade (GEPSS).



Onze artigos, fazem acontecer e colore as páginas deste Dossiê, tramadas com saberes de epistemologias feministas, estudos do corpo, de gênero, *queer*, da criança, dos cotidianos, do colonial, culturais, interseccionais e da filosofia da diferença. Por aqui crescem de forma rizomática, intenções metodológicas e epistemológicas, em práticas encarnadas, que nos permitem aproximações com modos de pesquisar que não se conformam com tranquilidade das metanarrativas, com a norma, o universal e o conforto das origens.

Os autores e autoras que compõem este movimento de escrita, fazendo questões com os modos de pesquisar na mais íntima relação com a pesquisa, tecem alianças temporárias com ferramentas que permitem em seus usos e (re)usos criativos, desconfiar do feitiço do Método, quando este, em seu desejo de neutralidade e totalidade, busca dar conta de uma vida que escapa aos manuais metodológicos e aos bons modos de pensar os sujeitos de pesquisa.

Os artigos, ensaios e experimentações de pesquisa, reunidos nesse Dossiê, é um convite para aventuras e nas aventuras dos autores/as, encontramos modos diferentes para pensar, a história do presente, as etnografias, a genealogia, os indiciários, a história oral, as crianças em dissidências, a vida cotidiana, os processos cartográficos, a etnografia e a etnografia digital.

Marcio Caetano e Jimena de Garay Hernández, buscam pensar o campo de produção de conhecimentos que fez a crítica ao sistema dominante baseado na universalidade. Marcio e Jimena focam nas contribuições feministas e nas transformações que têm acontecido nos paradigmas científicos, nos discursos políticos e nas práticas sociais, especialmente no que tange à noção de diferença e de desigualdade no cenário acadêmico. Problematizam os projetos de construção de identidades (sexuais) e apresentam discussões aos governos dicotômicos de gêneros e as instabilidades proporcionadas pelas sexualidades e possibilidades de pesquisas em sexualidades.

Vagner Matias do Prado, pensa a teoria *queer* como potência teórico-metodológica para as pesquisas que operam com os gêneros e sexualidades. Por meio de um exercício profano, Vagner resgata algumas noções de pesquisa e nos apresenta indícios das condições de possibilidade que permitiram a instauração do *queer* como movimento de um pensar crítico. Por fim, o autor, opera com a teoria *queer* para questionar a sexopolítica, exercitando problematizações que auxiliam os desejos “vazarem” dos regimes de verdade que tendem a capturá-los.

Viviane Teixeira Silveira e Evelise Amgarten Quitau, fazem saber que “as questões de gênero vêm sendo incorporadas às pesquisas em história do esporte desde os anos 1970 no cenário internacional e no Brasil desde os anos de 1980. Para Viviane e Evelise, inicialmente, estes estudos se concentraram majoritariamente em uma “história das mulheres” para posteriormente

apontar para a necessidade de pensar outros aspectos, tais como as interrelações entre os processos de construção de feminilidades e masculinidades e aspectos como classes sociais, identidades nacionais, religião e questões étnico-raciais. Viviane e Evelise, a partir de balanços já existentes sobre a área, nos convocam a repensar a operacionalidade de gênero e sexualidade no âmbito da pesquisa historiográfica sobre esporte e apontam para os aportes teórico-metodológicos da história oral como ferramenta para dar voz a personagens tradicionalmente invisibilizados na história do esporte.

Isabel Rizzi Mação e Davis Moreira Alvim, pensam a genealogia como uma ciência nômade. Segundo os autores está ciência nômade está coadunada a saberes ambulantes, que não cessam de seguir os fluxos, as desterritorializações, os modelos hidráulicos e as heterogeneidades. Isabel e Davis a partir das reverberações da proposta genealógica de Friedrich Nietzsche, elaboram um encontro entre os pensamentos de Michel Foucault e Gilles Deleuze, autores estes que reinventam a genealogia nietzschiana e observam orientações em direção à produção da genealogia da história, destacando os aspectos nômades ou menores presentes nesse processo interpretativo.

Ileana Wenez, produz reflexões a partir dos estudos culturais e feministas sobre as implicações metodológicas na pesquisa com crianças e os atravessamentos de gênero e sexualidade na educação física e se questiona sobre as escolhas que tem realizado para pesquisar, na educação física, crianças em com articulação de gênero e sexualidade. Neste artigo, Ileana, aponta com suas pesquisas, pistas que as ajudam a realizar o trabalho metodológico com pesquisas que aproximam o sujeito pesquisador com crianças no plural e nas suas diferenciações de gênero e sexualidade

Bruna Saurin Silva, descreve um contexto de ensino-aprendizagem-treinamento do futebol para meninas, pelas lentes da etnografia. Bruna, nesse encontro com meninas e futebol aponta maneiras singulares de vivenciar o esporte e propõe uma leitura que supere a descrição dos sujeitos e que seja capaz de promover espaços mais acolhedores para o acesso de meninas na modalidade.

Alexsandro Rodrigues, Pablo Cardozo Rocon, Steferson Zanoni Roseiro e Victor Antenor Ferrari Nodari, dizem que experimentações criancêiras como métodos de pesquisa, são convocadas com objetivo de pensar o imediato das metodologias de pesquisa no campo das ciências humanas. Para os autores a potência criança, e as metodologias criancêiras, nada buscam ensinar e nem prescrever, força do novo, produz pane na maquinaria da infância, Para os autores as crianças em dissidências importam, justamente por evocarem o inaudito e o que não está dado de antemão. Desse modo, o a escrita do artigo se organiza como conversa sobre métodos e dissidências, dissidências metodológicas, dissidências corporais e de concepções de infâncias.



Hugo Souza Garcia Ramos, Mateus Dias Pedrini e Alessandro Rodrigues, produzem encontros entre os estudos com os cotidianos e cartografia. Os autores dizem que este encontro foi possível entre estudos com os cotidianos e cartografia, a partir das experiências de duas pesquisas intituladas “Homens trans(bordados): experiências juntas e misturadas na produção de outras masculinidades” e “Gênero e sexualidades *em cartaz* na formação de professores/a”.

Laíra Assunção Braga, informa que a sua pesquisa de mestrado buscou compor um trabalho, junto às crianças, sobre como estas aproveitam as brechas nos discursos e práticas que regulam corpos, gêneros e sexualidades. E nos conta que a pesquisa se deu na maior parte do tempo em duas praças públicas do município de Vitória, no Espírito Santo. Diante disso, Laíra entendeu que a praça, enquanto campo de conversações a convidava a se colocar em posição de disposição aos diversos rumos que as brincadeiras, conversas e práticas da praça e que por isso, aproxima seus estudos com crianças dos caminhos metodológicos comprometidos com as experiências dos praticantes de cotidianos.

Mariana Zuaneti Martins, problematiza os desafios para a investigação sobre o corpo e suas relações no contexto atual marcado pelas possibilidades de interação no mundo digital e nos apresenta como opção metodológica a etnografia digital. Para Mariana, a etnografia digital é mais uma forma possível de compreensão das redes de relações que corpos e subjetividades estabelecem na construção de vínculos, de sentidos e identificações e argumenta sobre o lugar que o digital tem ocupado na cultura contemporânea e as possibilidades e experiências etnográficas para segui-lo.

Aline Gomes Tavares Matias e Maria Atonella Barone, problematizam o dispositivo da maternidade, bem como algumas normativas maquinadas para tentar definir uma categoria nomeada "mulher". Aline e Antonella, apostam em epistemologias transbordantes feministas que convoquem a fluidez e transposição das fronteiras das categorias identitárias.

Muitas são as possibilidades aqui apresentadas no que diz respeito a epistemologias e metodologias contra hegemônicas comprometidas com o corpo, gênero e sexualidade!

Conspirando epistemologicamente e metodologicamente, lhe fazemos convite!

Boa leitura.